

Sarney, em conflito com a Constituinte

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Tacape e borduna em riste, o presidente José Sarney vibrou o primeiro grande golpe no parlamentarismo através da entrevista exclusiva que concedeu a O Estado, ontem publicada. Nada mais claro, nada mais tangível: o presidente da República transforma-se na principal barreira contra a mudança do sistema de governo, alinhando, um por um, argumentos culturais, históricos, políticos e administrativos contrários ao ingresso do País nessa aventura.

Os ânimos vão acirrar-se. Os parlamentaristas radicais insistirão na chantagem de ameaçar Sarney com a adesão deles à tese da realização de eleições presidenciais diretas no ano que vem, ou seja, da fixação de seu mandato em quatro anos. Acontece que borduna e tacape também estão prontos para cair no lombo desse grupo. Se, por hipótese remota mas possível, a corrente que prega os quatro anos parecer vitoriosa, como resposta à permanência do presidencialismo, o presidente replicará com o apelo nacional a eleições gerais, amplas e irrestritas. Para todos os mandatos, de presidente a governador, deputado estadual, deputado federal, senador, prefeito e vereador. Completar-se-ia a transição de maneira fulminante. A tanto parece que não chegará a maioria da Assembléia Nacional Constituinte, pois abrir mão de mandatos tão duramente conquistados há menos de um ano é sacrifício que senadores e deputados dificilmente admitiriam. Mas, como ontem informamos, eles não poderiam, de público, ficar contra as eleições gerais, amplas e irrestritas. Desmoralizar-se-iam. Assim, salvo engano, a tentativa revanchista de redução do mandato presidencial pode acabar aí. Por essa visão otimista, verificada ontem no Palácio do Planalto, permaneceriam o presidencialismo e os cinco anos para os períodos presidenciais.

O problema é que tem gente, na Assembléia Nacional Constituinte, interessada em fazer o dia seguinte ficar sempre pior do que a véspera. Uns mais, outros menos. O deputado Bernardo Cabral procurou ajeitar as coisas e sugeriu, como constará de seu projeto de relator, a adoção do parlamentarismo apenas para depois do término do atual período presidencial. Imaginou, com isso, dobrar o presidente. Se os poderes de Sarney ficassem intactos e o novo sistema só vigorasse para o sucessor, ele poderia cruzar os braços. Mas não cruzou. Pelo contrário, foi ao saber da nova proposta de Cabral que se decidiu a conceder a entrevista ao enviado especial de O Estado, Helival Rios, ainda a bordo do avião que os trazia do México.

Agora, salvo engano, será terçar armas. Ver quem tem mais votos no

plenário da Assembléia Nacional Constituinte, no final de outubro ou princípio de novembro. Até lá, por certo, a chamada "turma do reboco", aquela que gruda no muro e não cai, terá sido sensibilizada. Pelo parlamentarismo ou pelos argumentos de Sarney. Segundo se informa, o presidente começará a conversar e a esclarecer grupos parlamentares por que adotou essa posição. Alguns querem que ele utilize o Diário Oficial para a tarefa. Talvez seja necessário.

Bradar aos céus é o casuismo com que tem agido boa parte dos adeptos atuais do parlamentarismo. Porque sustentam o sistema parlamentar de governo menos por suas discutíveis qualidades institucionais, no caso brasileiro, do que por meras questões pessoais e emocionais. No auge do sucesso do Plano Cruzado I, não ousaram propor qualquer mudança, a não ser, como se ouvia na época, a possibilidade de reeleição dos presidentes da República. Sarney estava no limiar do prestígio popular e adúlto era láctica e até necessidade. Depois, nas campanhas para as eleições de outubro passado, não apareceu um só candidato com disposição de pregar o parlamentarismo ou o sistema misto. Só quando as coisas deram errado na economia é que pensaram, casuisticamente, na alteração do sistema de governo. Para atingir o presidente e acertar peijas contas. Explica-se, assim, por que boa parte dos parlamentaristas se insurgia ontem e anteontem contra a simples proposta protelatória de Bernardo Cabral.

Chegaram, esses setores, a popular imagem de rara estupidez. Compararam o sistema de governo ao motor de um carro, feito para funcionar a álcool, mas que, por dois anos, deveria funcionar a gasolina, candidato certo à corrosão. Melhor teriam feito se utilizassem a comparação correta: na atual quadra brasileira, o sistema misto e o parlamentarismo equivalem a uma parelha de burros que se tenta colocar na frente de um carro moderno, para substituir o motor.

Não se tem, por enquanto, possibilidade de previsão do resultado, na Assembléia Nacional Constituinte. Dias há em que a corrente parlamentarista parece irrefreadável. Em outros, nota-se crescer o caudal pela manutenção do presidencialismo. O pêndulo continuará oscilando até a votação no plenário, quando a questão se decidirá. Tendo o presidente Sarney entrado de rijo e estando os parlamentaristas divididos entre adotar de imediato ou a prazo o novo sistema, aumentam as esperanças dos presidencialistas de poder evitar a alteração. Surgindo, porém, a ameaça de certos grupos parlamentaristas de reduzir o mandato de Sarney para quatro anos, podem alterar-se as expectativas.